

Resenha

Experiência e Pobreza – Walter Benjamin

Filipe Emanuel Soares Silva¹

Esta resenha visa analisar de maneira concisa o tema abordado pelo filósofo germano-judaico Walter Benjamin no ensaio “Experiência e Pobreza” contido no livro *O anjo da história* (2012a). Nesse texto, Benjamin reflete sobre o homem moderno, seu distanciamento da tradição, a desvalorização das narrativas e o empobrecimento das experiências, pontos importantes das diversas críticas estabelecidas pelo autor. Isto acontece como forma de provocar no homem moderno uma inquietação e uma insatisfação, fazendo com que ele perceba o que de fato está acontecendo ao seu redor, para que se sinta incomodado e, ao mesmo tempo, capaz de fazer escolhas prospectivas, de mudança, com reflexos reais na sua vida e em toda sociedade

Walter Benjamin, nascido em 1892 na cidade de Berlim (Alemanha), incumbiu-se de criticar os efeitos da modernidade através de suas obras. Foi um dos grandes críticos da ascensão do nazifascismo, tendo uma morte trágica durante sua fuga: ao passar pela cidade de Portbou, se defrontou com um comboio nazista e, diante do revés, decidiu atentar contra a própria vida, cometendo suicídio. Aos olhos do sistema autoritário que vigorava em seu país, Benjamin era considerado um “inimigo público”, o que o fez preferir morrer ao fazer parte dos terrores dos campos de concentração.

Em seu ensaio “Experiência e Pobreza”, Benjamin faz críticas precisas à modernidade e seus efeitos na sociedade contemporânea. Logo de início, Benjamin indica a *pobreza de experiência* como o fator preponderante para o surgimento da “nova barbárie” (2012a) do homem moderno. A *experiência*, segundo a visão benjaminiana, é um ente da história, cujo *apagamento* reflete-se nas gerações futuras que a ridicularizam e a desvalorizam em detrimento do aprendizado técnico. Segundo

¹ Graduado em Filosofia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), tendo como tema da monografia “Estética Decolonial em Enrique Dussel”. Tem experiência na área de Filosofia e Cinema, com ênfase em Filosofia Latino Americana, Ética e Estética, atuando principalmente nos seguintes temas: estética decolonial, epistemologias do Sul e pobreza na perspectiva filosófica. E-mail: filipemanuel27@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2618273006502619>.

ele “o fenômeno não é assim tão estranho, porque nunca a *experiência* foi mais *desmentida*: a da estratégia pela guerra de trincheiras, as econômicas pela inflação, as do corpo pela fome, as morais pelos detentores do poder” (BENJAMIN, 2012a, p. 86). O *desmentimento* da experiência por parte da modernidade fragiliza a humanidade em seus mais profundos diálogos, nos quais a voz de quem conta a história torna-se mero produto da sociedade capitalista vigente, ou muitas vezes nem isso. A oralidade perde vigor diante dos artifícios que permitem a “tecnicização”, tornando o ser humano escravo dos seus meios de comunicação (celulares, televisores, rádios e internet).

“Esse gigantesco desenvolvimento da técnica levou a que se abatesse sobre as pessoas uma forma de pobreza totalmente nova” (BENJAMIN, 2012a, p. 86), oriunda da relação entre o desenvolvimento da técnica e a desvalorização da *experiência*, que gera o que Benjamin irá chamar de *galvanização*. Uma espécie de “falsa ideia de riqueza humana” em que cada indivíduo é colocado sobre a “parede”, sobre uma camada fina, sintética, fria, que o blinda da realidade e do encontro com o Outro. O humano *galvanizado* é um humano “aquém” da *experiência*. Um humano que não está a par da própria cultura que o insere no mundo, pois a experiência é um dos pressupostos essenciais para a inserção da cultura em seu espaço.

Quando olhamos para o interior da Bahia, por exemplo, percebemos a *experiência* como força latente no desenvolvimento das culturas periféricas. O respeito aos “antigos” nas regiões fora dos grandes centros urbanos é preponderante para a disseminação da cultura de um povo. É a credence das rezadeiras, por exemplo, que reflete sobre o antecedente espiritual e histórico do interior do nordeste, ou o velho vaqueiro com gibão de couro, que em seus cânticos transmite a experiência do sertanejo, ligando o seu corpo à sua cultura. A falta de escuta humana gera uma *pobreza* que incapacita o indivíduo para reconhecer suas epistemologias. Benjamin, então, reflete que há uma *pobreza de experiência* que afeta todas as culturas contactadas pela modernidade. A essa pobreza, Benjamin chama de *barbárie*.

“Barbárie? De fato, assim é. Dizemo-lo para introduzir um novo conceito, positivo, de barbárie” (BENJAMIN, 2012a, p. 87): a *pobreza de experiência* é o que Benjamin chama de *nova barbárie*. Essa barbárie, segundo ele, reflete sobre o ser humano que já não escuta e não percebe a voz do mestre, mas que engatinha no território dado pela *reprodutibilidade técnica* (BENJAMIN, 2012b, p. 19), tomando esta

reprodução desmedida dos meios de comunicação em detrimento do saber. Benjamin deságua no território da epistemologia, cujo saber se torna comprometido pela falta de *experiência*, pois é ela que nos proporciona o possível vislumbre da verdade.

O direcionamento dessa *nova barbárie* ou *nova pobreza* leva o *bárbaro* a um “princípio” (BENJAMIN, 2012a) que enfraquece o seu projeto, não contemplando o mundo da vida (*Lebenswelt*) que o cerca. Segundo Benjamin, um dos destruidores do conhecimento pelas *experiências* é o racionalista francês René Descartes, que “começou por reduzir toda a sua filosofia a uma única certeza: ‘Penso, logo existo’” (BENJAMIN, 2012a, p. 87). Nessa relação de causa e consequência, entre “pensar e existir”, um não está deslocado do outro. A problemática inserida por Benjamin em seu texto reflete que essa relação entre “pensar” e “existir” diz respeito à realidade imposta pelo sistema da modernidade, cujo “pensar” e “existir” precisam ser praticados através de estruturas delimitadas de pensamento, com um único intuito de negligenciar as outras formas de saber. Descartes é um dos grandes representantes de todo aprisionamento sugerido e aplicado pela modernidade, tanto na Europa, quanto nas colônias, em que cada indivíduo está já fora ou ainda inserido a um sistema pedagógico que lhe afasta da *experiência*.

Como crítico preciso da arte moderna, Benjamin usa como “plano de fundo” as composições artísticas de sua época. Pintores como Paul Klee ou romancistas como Schebaart ganham lugar nas duras críticas benjaminianas que destacam a responsabilidade estética da *experiência*, mas é na arquitetura de Loos, no vidro, que ele observa o real sentido da *barbárie* imposta pela modernidade. Segundo o autor, “não é por acaso que o vidro é um material tão duro e tão liso, a que nada se fixa. É também frio e sóbrio. Os objetos de vidro não têm ‘aura’. O vidro é o inimigo por excelência dos segredos e também da propriedade.” (BENJAMIN, 2012a, p. 89). O vidro como objeto sem vida, sem “aura” (BENJAMIN, 2012b, p. 27) é o inimigo da excelência dos segredos, é um objeto frio, incapaz de ligar-se a qualquer corpo que não seja de sua própria natureza. À essa “alegoria do vidro”, esta resenha atribui a expressão máxima dada por Walter Benjamin para elucidar a *barbárie*: a ele cabe a dureza, a falta de vida e seu gélido corpo, que se apega somente ao que faz parte de sua estirpe. O vidro apenas reflete a realidade, não a materializa.

A *barbárie* fez a contenção emocional da burguesia, tornando-a a classe que viabiliza a falta de *experiência*. Segundo Benjamin (2012a, p. 89) há uma espécie de

nervosismo absurdo por parte destes “habitantes de aposentos de pelúcia”, acompanhado de mau caratismo escancarado que se cala através da inibição do saber narrado e fomenta a tecnicização do saber gerado pela *reprodutibilidade técnica*. A esta *contenção burguesa*, o autor revela que:

Disso se apercebe qualquer um que ainda conheça o estado de nervosismo absurdo em que caíam os habitantes desses aposentos de pelúcia quando se partia algum objeto. Até a maneira de se irritarem – uma emoção em vias de extinção, e que eles sabiam representar com grande virtuosismo – era acima de tudo a reação de alguém a quem tivessem apagado o rastro dos trabalhos e dos dias (BENJAMIN, 2012a, p. 89).

Há ainda a análise benjaminina que diz respeito ao cansaço promovido pela *banalidade da experiência* e das falsas necessidades da imagem. O fundamento da existência humana passa a ser um *culto aos sonhos*, distanciando-nos da realidade de viver a experiência do mundo. Ajoelhando-se a ídolos que dão poucas gotas de sua existência sintética e destruindo o orgânico, a *reprodutibilidade* ganha corpo com a vida humana.

Ao cansaço segue-se o sono, e por isso não é raro vermos como o sonho compensa da tristeza e do desânimo dos dias, para mostrar essa existência muito simples e muito grandiosa para a qual no estado de vigília nos faltaram as forças. Uma existência de Mickey Mouse é um desses sonhos do homem de hoje. Uma existência cheia de milagres, que não se limitam a superar os prodígios da técnica, mas ainda se riem deles. Porque o que de mais estranho há nisso é o eles se produzirem todos sem maquinaria, improvisados, saindo do corpo do Mickey, dos seus companheiros e dos seus perseguidores, das mais banais peças de mobiliário como das árvores, das nuvens ou dos lagos. A natureza e a técnica, o primitivismo e o conforto, fundiram-se aqui completamente. E diante dos olhos das pessoas cansadas das infinitas complicações da vida quotidiana, e para as quais a finalidade da vida se descortina apenas como ponto de fuga longínquo numa infundável perspectiva de meios, apresenta-se como redentora uma existência a cada momento autossuficiente da forma mais simples e mais confortável, um modo de vida em que um automóvel não pesa mais que um chapéu de palha e o fruto na árvore arredonda tão depressa quanto um balão inflável. E agora é hora de recuar um passo e fazer o balanço (BENJAMIN, 2021a, p. 84).

Há uma venda dos patrimônios culturais, segundo Benjamin, que sustenta o homem em sua *nova barbárie*. Esta confirma-se através da pobreza que tem o valor dos nossos elementos culturais, quando comparados às grandes influências do capital. Por isso há uma interação constante entre barbárie e burguesia, pois ela

alimenta o sistema de dominação exercido através da classe burguesa desvalorizando a experiência

Diante de uma ferida aberta, Benjamin recorre às suas raízes messiânicas como forma de possível solução frente à *nova barbárie*. Logo no primeiro parágrafo do escrito, o autor utiliza uma parábola para tanto, em que um velho moribundo revela a seus filhos a existência de um tesouro enterrado em seus vinhedos. Os filhos, em posse dessa informação, cavam a terra e nada encontram, porém, quando chega o outono, as vinhas produzem mais do que qualquer outra na região. Desta forma, os filhos percebem que a “felicidade não está no ouro e sim no trabalho” (BENJAMIN, 2012a, p. 85), diz o autor.

Nesta passagem, o que se apreende é o fato de que não se pode desprezar o conhecimento fruto da experiência dos mais antigos, aqueles que são ricos em experiências, com muito a repassar, o que fazem através das histórias contadas oralmente aos mais novos. Cabe a estes, com menos experiência, até pela própria idade, estar atentos aos ensinamentos desses verdadeiros sábios. Como síntese final, Benjamin propõe que aqueles que não possuem a luz da *experiência* devem “arranjar-se” (BENJAMIN, 2012a, p. 89) com os mais lúcidos, a fim de que possam extrair deles a capacidade de lucidez para vislumbrar a realidade que lhes toca.

Referências

BENJAMIN, Walter. **O anjo da história**. Org. e trad. de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012a.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. Apresentação, trad. e notas de Francisco de Ambrosio Pinheiro Machado. Porto Alegre: Zouk, 2012b.

Recebido em: 30.08.2022.
Aprovado em: 06.09.2022.